

## Como começar uma conversa sobre amor

Primeira estação: *Mudar por um amor arriscado, sentir-se menos rejeitado?*



### Capítulo II : Julho – Confiança do seu ponto de vista

Uma frase que adoro dizer é: “Depende do ponto de vista”. Porquê? Tudo depende de quem vê e por onde vê. As mentes são diferentes, e a interpretação que uma pessoa faz a partir de uma imagem é diferente de outra. Exemplo: um baterista entediado vê uma caneta como uma baqueta e uma mesa como pratos (de bateria) e caixa (de bateria). Uma criança no fundamental vê uma caneta como “oh, quando a professora deixar eu escrever de caneta serei mais maduro, pois significa que vou saber escrever sem errar!”. Um jogador de futebol, ao ouvir falar de “caneta”, pensa que lhe passaram a bola (de futebol, não pense em bobagens) por entre as pernas.

Porém, às vezes, os pontos de vista coincidem. Ao juntarem as carteiras pela primeira vez, Anna e Saulo (o garoto de cabelo castanho ~~mal-penteado bagunçado~~ rebelde) queriam a mesma coisa: novos amigos. Ela, por achar inocentemente que uma garota adolescente feliz era popular, cheia de amigas. E ele queria um amigo só, na verdade, mas que fosse alguém confiável. Alguém que ouvisse os segredos dele e não saísse espalhando com os outros (pois é, já aconteceu com ele).

Ali estava a oportunidade – a nova amizade que ambos desejavam! Só que Anna nunca sabia se deveria começar a falar primeiro, e nem sabia sobre o que deveria falar (sendo criada com o estereótipo sexista de “garota princesa”, aprendera que suas amigas deveriam ser com garotas e os assuntos deveriam ser “femininos”), além de que tinha medo de que o menino ao seu lado começasse a zombar dela (é meio difícil superar os traumas do passado, além de que nunca se sabe como as pessoas são...). Ao pensar nisso, instintivamente passou a mão no cabelo.

E Saulo não pensava em fazer zoeira alguma com ela. Queria falar que estava doido de vontade de conversar com ela desde o dia em que a apresentaram na classe como “a aluna transferida”. Só que tinha medo do que o resto da classe pensaria. Segundo a imaginação do próprio Saulo, coisas como: “Nossa, já tá assediando a mina?”. Ou como “Tinha que ser *ele* para dar as boas vindas? Que horror!” (não que isso corresponda à verdade). Por isso, mantivera-se longe, apenas admirando os cabelos cacheados de Anna (se eu disser que era quase que um fetiche dele, serei censurado?), mas também vendo ela começar a conversar com Christine, Joyce e Paula, etc (justamente as garotas com quem ele menos tinha interesse em conversar). Ao pensar nisso, inconscientemente colocou a mão no queixo e olhou para o teto (pensando em algo como “será que ela é legal?”).



Alguém tem que começar por algum lugar (~~caramba, já é a quarta vez que uso essa expressão nessa história!~~). E eles lembraram que a atividade daquela aula (retrato – lápis sobre folha de desenho) não se fazia sozinha.

— Acho que temos que começar, não é? — Saulo comentou.

— Pois é... — Anna estava realmente envergonhada. “Ele vai me usar como modelo pra um retrato, justo eu... E eu não sei desenhar tão bem. E agora?”

Ele tornou a falar, sorrindo levemente (aparentar ser alguém bem-humorado

ajudava no primeiro contato):

— Só para avisar, eu não sei desenhar direito, mas vou tentar me esforçar.

Saber que eles estavam no mesmo nível de “não-desenhista” foi algo que tranquilizou a garota (apenas um pouco), que sorriu levemente como quem dissesse “que bom...”.



Alguns minutos depois:

— Sabe... Desenhar um rosto não é tão simples quanto parece. — demonstrando sinais de cansaço, Saulo se debruçou na carteira. — Bem que a professora poderia pedir alguma coisa mais simples de vez em quando.

— Também acho difícil... Mas, pelo menos, isso tem cara de aula de artes. — respondeu Anna, apagando mais uma vez um traço que não saiu tão bem.

— Você não tinha esse tipo de coisa na sua escola antiga?

— Não... Não tinha um professor fixo, e só passavam textos pra gente.

— Acho que eu sei como é. No ano passado...

(Flashback omitido por falta de relevância para a história ~~(e não por eu estar com preguiça de escrever)~~). Imagine o que quiser aqui.)



Meia hora se passou:

— Nada mal, acho que dá pra conseguir um oito ou nove.

— O seu também ficou bom.

Ambos mostravam os resultados dos desenhos. Não era como aqueles desenhos super-realistas, ou alguma obra de arte magnífica, mas estavam bons o suficiente para você entender que eram rostos e para lembrar a quem pertenciam.

E, acima de tudo, ela pensava feliz “esse garoto parece ser legal. Não parece como aqueles \*\*\*\*\* (leia-se: rapazes de mau-caráter) que eu tinha que aturar”. Era uma pessoa que inspirava sinceridade a ela, mais do que as três amigas que, depois da aula, demonstravam pontos de vista completamente diferentes...

— Como eu o-de-io aquela professora! Deve ter tido uma noite ruim com o marido e descontou a raiva na gente! — Paula gritou uns dez segundos depois que a aula terminou.

— Se é que ela tem marido... — Chris riu, ajeitando a franja negra.

— Nossa, foi hor-rí-vel fazer esse desenho, e ainda mais em dupla com a Jaqueline ~~(nome genérico que provavelmente só vai aparecer agora)~~<sup>1</sup>. Ela nem conseguiu terminar! — reclamou Joyce.

— É que nossa beleza é demais para meras recalçadas ~~(pergunta: a expressão “recalque” já era usada em 2011? Me esclareçam.)~~ como elas, hihhi. — Chris respondeu.

— Fazer esses trabalhos com duplas sorteadas não dá certo, e esses professores sabem muito bem disso. Por quê insistem?

— Ah, mas vocês não viram o da Gi... Caprichou só pra se exibir pro Flávio ~~(nome genérico que provavelmente só vai aparecer agora)~~<sup>2</sup>.

Joyce ficou alisando suas unhas decoradíssimas e Paula questionou:

— Mas ficou bom?

— Nem-um-pouco! — Joyce falou pausadamente, sorrindo. (mas, do meu

ponto de vista, era o melhor da classe.)

As três caíram em gargalhadas estridentes. Após o acesso acabar, Anna perguntou baixinho:

— Eu ainda não decorei o nome de todo mundo da sala... Quem é essa Gi?

Christine apontou para a porta.

— É a Giulia. Aquela ali no corredor, de cabelo desalinhado. Ela se acha melhor que todo mundo, e se aproveita disso pra ficar com qualquer um que apareça, só pra se exibir.

— Na verdade, ela *domina* qualquer um. Coitados dos garotos que gostam dela... — lamentou-se Joyce.

— É que o pai dela é dono de loja, então ela tem fama, grana e admiradores. — Paula disse, desgostosa, mordendo o canto da unha. — Mas, no fundo, é só uma carente por atenção, que se aproveita de tudo o que pode.

— \*\*\*\*\* do \*\*\*\*\*... (leia-se: “não gosto dela”). — Chris resmungou.

Anna viu apenas uma jovem elegante, com um corpo bem desenvolvido. Não estava tão maquiada como as três que falavam tão mal dela, e isso era o suficiente para que fosse considerada bonita de verdade. E não tinha o cabelo “desalinhado”, era apenas cheio e ondulado.

Mas, como eu disse no começo: tudo depende do ponto de vista. Anna não conhecia a tal Giulia o suficiente. Mas chegara há três semanas, não havia muito o que conhecer. Enquanto isso, Paula, Christine e Joyce conviviam juntas há quase quatro anos. Concluindo isso, não dava para falar nada antes de conhecer melhor a pessoa.

(E convenhamos: não é fácil fazer amizade com alguém quando falam tão mal dessa pessoa. Se bem que isso tudo é ~~realque~~ inveja da oposição, então pode-se desconsiderar e começar do zero ~~(até descobrir que o que falaram era verdade, vai saber...)~~).



Mais uns dias passaram, mais um trabalho com a dupla “alternativa”, dessa vez em forma de questionário de geografia.

— Somos nós de novo, então? — Saulo comentou enquanto uniam as carteiras.

— Parece que sim. — Anna sorriu. Já conseguia ser um pouco mais extrovertida com o colega que sentava ao lado.

Aquilo era um bom sinal para os dois. Anna percebeu que podia conversar com outras pessoas que não fossem do seu círculo de amigas (e isso representava que, até o final do ano, talvez ela conseguisse fazer contato com toda a classe). E Saulo pensava em pedir conselhos amorosos a ela (claro que ele não sabia da [falta de] experiência dela com romances e afins), julgando que ela guardaria segredos.

Isso se chama: confiança!

Confiança é saber que, se você pular de uma ponte, a outra pessoa sai correndo para segurar a queda com uma rede ou coisa do tipo (tá, isso foi um exemplo exagerado). Ou (em um exemplo mais simples,) simplesmente saber que, se tem uma apresentação de trabalho em uma semana, pelo menos dois dias antes os slides estarão prontos, junto com a parte escrita.

E olhem que dupla eficiente: apenas metade da aula se passou e Anna e Saulo já entregaram as questões para a professora!

— Até que atividades em dupla não são tão chatas. — a garota admitiu, feliz.

— Não tinha essas coisas na sua outra escola? — Saulo questionou, pensando no nível educacional da instituição onde a colega estudara antes de se transferir.

— Tinha muitos, mas eu sempre ficava deslocada e fazia sozinha. Ninguém gostava de mim, e eu não conseguia me dar bem com ninguém.

— Nossa, não dá pra entender como! — Saulo, indignado, exclamou, pensando: “Oras, como vocês puderam praticar bullying com ~~uma garota de lindos cabelos cacheados como~~ a Anna? Ela não faria mal a ninguém!”.

“Eu realmente espero que ele esteja sendo sincero e esteja indignado”, pensou ela, pois muitas coisas que lhe disseram no passado eram mentiras, ironias. Ela não sabia que os pontos de vista dela e dele eram, mais uma vez, os mesmos.

— Isso já passou... Melhor esquecer. — ela concluiu.

Ele preferiu não manter aquele assunto em consideração à colega, e foi falar de campeonato interclasses de xadrez. E, no meio do assunto (Anna perguntou como se jogava xadrez e ele começou a explicá-la com uma folha de papel e um lápis), Giulia passou pela carteira deles e Saulo interrompeu sua fala enquanto ela passava. Depois, meio atrapalhado, retornou à explicação.



Anna podia não entender tão bem de romance, amor, namoro e relacionados, mas percebeu que Saulo olhava de maneira “diferente” para Giulia. Aí ela pensava: “Mas ele estuda nessa turma desde a quinta série também, não é? Então ele deve saber do que falam dela. Será que, mesmo assim, ele sente alguma coisa por ela, sem se importar com o que dizem?”

Aí a cabeça dela começava a rodar, com confusões sobre relações interpessoais. E pensava em Leandro, pensava se ela agiria da mesma maneira na frente dele. Era algo novo: estar apaixonado, estar gostando de alguém.

Para relaxar das semanas finais de provas e de aulas (as férias de julho já estavam chegando), foi assistir a um filme na TV, antes de dormir. Filminho “basic” de romance, em que os protagonistas brigavam pra caramba, negócios de escritório, revista de moda, fotos, aí ela ia embora, ele ia atrás dela, e os dois se beijaram embaixo da chuva enquanto a câmera dava mil voltas em torno deles e fim.

No dia seguinte, as colegas falavam sobre o filme. Achavam lindo, mas não dariam beijos sob a chuva. Motivo: “Estragaria a chapinha!”. Outro ponto que era forte: ~~o clichê do~~ “cara viaja atrás da mulher para dizer que se arrependeu e a pede em casamento”.

E elas adoravam coisas românticas. Adoravam casais, mas detestavam quando os artistas ídolos começavam a namorar. “Não é como se vocês fossem namoradas deles”, reclamava Anna em pensamentos, e também pensando “mas é como se gostassem deles, em termos de paixão”. Será?



Nas despedidas durante as últimas aulas...

— Vou viajar nessas férias! E sei que, pra onde vou, tem *um monte* de gatinhos! — Joyce anunciou, radiante.

— Tá podendo, né... Mas não é só você não, eu vou pra aqui perto, mas vou curtir as náites (*nights*)! — Paula riu (olha a inveja...), sacudindo uma mecha ruiva.

— Só eu que não vou viajar, vou ficar nas baladas daqui mesmo. — Christine lamentou. — E você, Anna?

— Ainda não sei... Depende de um monte de coisas. — desculpou-se Anna.

— Vamos trocar notícias durante as férias, então. Anna, passa seu número de celular pra nós?

— Não tenho celular... — murmurou a menina, em resposta. Nunca precisara de um aparelho celular.

Até aquele momento.

— Como assim, não tem celular?! — gritaram as três, em uníssono.

Aparentemente, não possuir um telefone portátil era algo grave para elas. E Anna percebeu que seu estilo de vida precisaria (ou deveria?) mudar para que pudesse ser mais sociável (“Nossa, onde já se viu, garota adolescente sem meio de comunicação?”), era o que ela imaginara que as outras pensaram).

Era hora de se preocupar com o ponto de vista delas, inclusive com coisas banais, como: “Espero que elas não descubram tão cedo que eu nem sei beijar...”, e isso implicava que Anna achava que, para manter as amigas, além de arranjar um namorado, precisaria de uns quatrocentos reais para comprar um celular.

**(Continua...)**